

## HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA PROFESSORA NEIDE VERAS: CONTRIBUIÇÕES PARA A PEDAGOGIA DO CEARÁ (1976-2021)

Cristine Brandenburg<sup>1</sup>

Helena de Lima Marinho Rodrigues Araújo<sup>2</sup>

Lia Machado Fiuza Fialho<sup>3</sup>

### RESUMO

O artigo trata da biografia da professora Neide Veras com ênfase nas suas contribuições como docente e gestora para a formação de professores em Fortaleza, Ceará. O objetivo foi compreender as histórias e memórias da professora Neide Veras no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará (UFC), no período de 1976-2021. Foi utilizada a pesquisa biográfica (DOSSE, 2016), amparada teoricamente na História Cultural (BURKE, 2008) e metodologicamente na História Oral (ALBERTI, 2017). Utilizou-se de entrevista aberta - gravada, transcrita, validada e textualizada – para documentar as experiências da formação escolar e acadêmica, bem como as suas práticas profissionais. Constatou-se que a biografada iniciou sua formação escolar precocemente e, na adolescência, concluiu o Curso Normal, dando continuidade a sua formação acadêmica com especialização, mestrado e doutorado, este último, na Faculdade de Educação da UFC, onde contribuiu de forma significativa para a melhoria da qualidade da Educação Superior no Brasil como assessora da reitoria, chefe do departamento e coordenadora do curso de Pedagogia.

**Palavras-chave:** Universidade Federal do Ceará. Curso de Pedagogia. Biografia. Neide Fernandes Monteiro Veras.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Pedagoga pela Estácio, Professora Substituta no curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE)/Campus Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), Diretora Pedagógica do Instituto Interdisciplinar de Educação, Ciências e Saúde (IIECS). E-mail: [crisfisio13@gmail.com](mailto:crisfisio13@gmail.com)

<sup>2</sup> Pós-doutora em Educação - Universidade Estadual do Ceará (UECE), Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Pedagoga e Filósofa (UECE). Professora participante do Mestrado Profissional (Poleduc) - UFC e Professora Adjunta da UECE. E-mail [helena.marinho@uece.br](mailto:helena.marinho@uece.br)

<sup>3</sup> Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará, Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Professora doutora do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/UECE) e do Mestrado Profissional em Planejamento e Políticas Públicas (MPPP/UECE). Líder do Grupo de Pesquisa Práticas Educativas Memórias e Oralidades - PEMO. E-mail: [lia\\_fialho@yahoo.com.br](mailto:lia_fialho@yahoo.com.br)

## **STORIES AND MEMORIES OF TEACHER NEIDE VERAS IN THE PEDAGOGY COURSE (1976 - 2021)**

### **ABSTRACT**

The article deals with the biography of the teacher Neide Veras with emphasis on her contributions as a teacher and manager for teacher education in Fortaleza, Ceará. The objective was to understand the stories and memories of the teacher Neide Veras during Pedagogy at the Universidade Federal do Ceará (UFC), in the period 1976-2021. Biographical research was used (DOSSE, 2016), theoretically supported in Cultural History (BURKE, 2008) and methodologically in Oral History (ALBERTI, 2017). An open interview was used - recorded, transcribed, validated, and textualized - to document the experiences of her school and academic training, as well as her professional practices. It was found that the biographer began her schooling early and in adolescence completed the Normal course, continuing her academic education with specialization, master's and doctorate, the latter in the Faculty of Education of the UFC, where she contributed significantly to improving the quality of Higher Education in Brazil as advisor to the rectory, head of department and coordinator of the Pedagogy course.

**Keywords:** Universidade Federal do Ceará. Pedagogy course. Biography. Neide Fernandes Monteiro Veras.

### **1 PONDERAÇÕES INICIAIS**

O artigo aborda a trajetória de vida de Neide Fernandes Monteiro Veras, professora da Faculdade de Educação (Faced) da Universidade Federal do Ceará (UFC), doravante apenas Neide Veras, como ficou conhecida. Nascida em 13 de abril de 1946, é filha do casal Raimundo Monteiro de Souza e Clarice Fernandes Monteiro, que se casaram em 1944. Sua formação iniciou-se aos três anos de idade na pré-escola de uma escola regular e aos seis anos já estava alfabetizada. Concluiu o ensino Normal<sup>4</sup> em 1966 e a formação inicial em Pedagogia em 1970, seguidas das formações acadêmicas: Especialização em Psicodrama, Mestrado em Educação na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro PUC/RJ e Doutorado em Educação na UFC. Profissionalmente, atuou durante 45 anos na UFC, dos quais se destacam o trabalho na

4 Para conhecimento mais aprofundado sobre a Escola Normal do Ceará, sugere a leitura do trabalho de Araújo, A tradicional Escola Normal cearense chega ao bairro de Fátima: formação das primeiras professoras primárias (1958-1960), 2014. Cf. Referência completa ao final desse estudo.

docência e nas funções de assessora da Reitoria, chefe do Departamento de Fundamentos da Educação e coordenadora do curso de Pedagogia.

A pesquisa questionou quais foram as contribuições de Neide Veras para a Pedagogia do Ceará? Teve como objetivo compreender as histórias e memórias da professora Neide Veras no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará (UFC) no período de 1976-2021.

Para responder ao problema de pesquisa, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa, do tipo biográfica (DOSSE, 2016), amparada teoricamente na História Cultural (BURKE, 2008) e metodologicamente na História Oral (ALBERTI, 2017), que utilizou entrevista aberta como instrumento de coleta de dados. As análises das narrativas oralizadas foram analisadas em dois períodos: o tempo das experiências da formação escolar e acadêmica e o tempo das experiências profissionais.

Apresenta-se também as contribuições da biografada na implantação do Projeto Político Pedagógico (PPP) curricular em várias instituições do Brasil, destacando sua atuação na formulação dos programas das disciplinas, com as devidas aprovações nas reuniões do colegiado e o envio para o Ministério da Educação (MEC); a participação na Comissão da Associação de Instituições Federais do Ensino Superior (ANDIFES) e a colaboração no Programa de Avaliação Institucional das Universidades Brasileiras (PAIUB).

Para a escrita desta pesquisa, além das ponderações iniciais, o artigo foi estruturado com as seguintes seções: “História e memória: alguns conceitos”; “Metodologia”; “Análises das entrevistas: tecendo a narrativa das histórias e memórias de Neide Veras”; e “Considerações finais”.

## **2 HISTÓRIA E MEMÓRIA: ALGUNS CONCEITOS**

A Escola dos Annales surgiu na França, a partir de 1929 e desenvolveu-se em três gerações com características e representantes distintos, como se explicita adiante, constituindo-se um movimento que trouxe muitas contribuições para o campo da História. Barros (2010) destaca algumas características ao longo desse movimento: a interdisciplinaridade, a problematização da História e as novas proposições nas formas de conceber o tempo.

A Primeira Geração, que marca o início desse movimento, teve em Marc Bloch e Lucien Febvre os seus maiores expoentes. Com forte influência desses estudiosos, a proposta da Escola dos Annales surge no meio científico em contraponto à história política tradicional, proporcionando espaço para a história social e econômica (COSTA; MOTA; SANTANA,

2022). Essa Geração foi direcionada para a pesquisa interdisciplinar com uma história voltada para a problematização.

Fernand Braudel é um dos representantes da Segunda Geração e, ao assumir a direção dos Annales em 1959, imprimiu a revista à sua identidade. Inclusive, o apreço pela geografia e pela longa duração de tempo está sinalizado em sua tese “O Mediterrâneo e Felipe II”. Dessa maneira, além de fortalecer a interdisciplinaridade, amplia-se a concepção de fontes históricas (PAULINO; SOUSA, 2021).

A Terceira Geração dos Annales tem em Jacques Le Goff e Pierre Nora os principais representantes e, como principais características, destaca-se considerar que toda atividade humana é considerada história e a multiplicidade dos métodos (PORPINO; MACHADO, 2022). Essa fase é marcada pela fragmentação e por exercer grande influência sobre a historiografia e sobre o público leitor, em abordagens que comumente denomina-se Nova História ou História Cultural. Le Goff (2003, p. 467) enfatiza que:

A História dita nova, que se esforça por criar uma história científica a partir da memória coletiva, pode ser interpretada como uma revolução da memória fazendo-a cumprir uma rotação em torno de alguns eixos fundamentais: [...] a renúncia a uma temporalidade linear em proveito dos tempos vividos múltiplos nos níveis em que o individual se enraíza no social e no coletivo (Grifos das autoras).

A Nova História contrapõe-se à historiografia positivista que retratava a história dos grandes heróis indicando a linearidade do tempo histórico, os grandes feitos e fatos relacionados a personagens ilustres. A Nova História propõe o diálogo entre as demais ciências (Psicologia, Antropologia, Sociologia, Literatura e Geografia) e expandir as possibilidades de se trabalhar com outras fontes que não fossem somente as escritas ou oficializadas.

Algumas dessas ciências, a exemplo da Antropologia, Sociologia e Psicologia, foram as pioneiras no estudo da memória como campo epistemológico e a aproximação da História com essas ciências possibilitou que a memória fosse vista também como uma teoria do conhecimento. Inclusive, o sociólogo Halbwachs (França, 1887-1945) estudou as relações entre a história e a memória e defendeu o conceito de que a memória é vida vivida, isto é, que a memória não é a História aprendida, mas é aquilo que vivenciamos.

O funcionamento da memória supõe efetivamente uma atividade ao mesmo tempo construtiva e racional da mente, em que esta é incapaz de realizar durante o sono: é exercida apenas em um meio natural e social ordenado e coerente, do qual nos renovamos a cada momento. (HALBWACHS, 2004, p. 55 apud SANTOS, 2021, p.14).

Seguindo esse pensamento, outros autores conceituam a memória: Delgado (2010, p. 48) salienta que a memória “é a reflexão do homem sobre sua vida e seu tempo”. Para o antropólogo Candau (2012, p. 60), “sem memória o sujeito esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece”. Na perspectiva da psicóloga Bosi (1994, p. 59), o passado é visitado pelo presente habitualmente, isto é, “[...] o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência”.

Essas concepções convergem para se pensar a memória de forma individual e coletiva de maneira interrelacionadas indissociavelmente, de modo que ambas estão sempre situadas em um espaço e no tempo. Nesse contexto, tem relevo a concepção de Le Goff (2003, p. 469) quando ressalta que “[...] a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”.

Observa-se, portanto, que a História, a memória, o espaço e o tempo (presente, passado e futuro) imbricam-se e permitem que as memórias individual e coletiva tornem-se tanto fonte (a exemplo da História Oral) como objeto de estudo para a História.

### **3 METODOLOGIA**

A biografia de uma vida nunca é unívoca, pois para Dosse (2016), ela interage com o coletivo, considerando os acontecimentos do percurso de vida individual imbricados no seu contexto social e cultural, além de reconhecer que a biografada se conecta com o tempo em que vive. Desse modo, o estudo biográfico reflete a história da educadora Neide Veras, o tempo em que a biografada vive os acontecimentos experienciados e permite reflexões sobre a sua educação e atuação profissional na interface com a vida de outras mulheres que contribuíram com o desenvolvimento socioeducacional.

Dosse (2016) reflete que a biografia pode servir como artifício para a reconstituição de um período, com suas aspirações e aflições, sem perder de vista a biografada com suas singularidades. Nesse sentido, por meio da biografia de Neide Veras, é plausível compreender sua trajetória educacional, mediante acontecimentos históricos que ela vivenciou como a ditadura militar e a implementação de programas e políticas educacionais para melhoria do ensino superior em Pedagogia. Seu percurso profissional, imbricado nos contextos educacionais do estado do Ceará e do Brasil, especialmente na segunda metade do século XX, possibilita conhecer como uma mulher ascendeu economicamente, tornando-se independente e contribuindo para formação de outras gerações de mulheres educadoras.

Nessa perspectiva, Fialho *et al.* (2022) corrobora ao lecionar que a biografia de uma educadora que contribui com a história da educação é relevante, especialmente porque muitas professoras não são valorizadas e tiveram suas vidas invisibilizadas. Neide Veras é essa docente que, assim como tantas outras educadoras do seu tempo, foi protagonista na educação, mas não desfrutou de grande visibilidade ou reconhecimento social.

A germânica que ampara teoricamente a História Cultural e que auxilia os estudos biográficos, de acordo com Burke (2008, p. 10), “precisa ser localizada em uma das diferentes tradições culturais, geralmente definidas em termos nacionais”, em que os sujeitos do estudo estão encontrados. Logo, Neide Veras por percorrer não somente o estado do Ceará, mas também outras cidades do Brasil, fez com que suas ideias tenham circulado em maior espaço geográfico, todavia, o *locus* foco deste estudo, para situar suas ações culturais, sociais, políticas e educacionais é a cidade de Fortaleza-CE.

A pesquisa está amparada na História Cultural porque se considera a abertura de fontes promovidas com o impulso da Escola de Annales que permitiu compreender a vida de Neide Veras com o suporte da História Oral biográfica. Metodologia esta capaz de fomentar importantes narrativas e interpretações históricas, afinal, “a fonte oral é não apenas importante, mas necessária para compreensão historiográfica” (FIALHO *et al.*, 2020, p. 3-4).

Contudo, a História Oral, em sua essência, incide na concretização de entrevistas gravadas com sujeitos vivos que conviveram ou testemunharam acontecimentos e circunstâncias do passado e do presente de um biografado ou com o próprio biografado (ALBERTI, 2017). Dessa forma, as narrativas de Neide Veras foram coletadas mediante entrevista aberta livre em História Oral (MEIHY; HOLANDA, 2015) em duas seções: a primeira entrevista aconteceu em 15 de março de 2021 de forma on-line pelo *Google Meet* (em

decorrência da pandemia de Covid-19) e a segunda foi na sua residência, de forma presencial, no dia 19 de dezembro de 2022 (quando o isolamento social não se fazia mais necessário).

Importa destacar que o horário e o local das entrevistas foram selecionados pela biografada de acordo com sua conveniência e que se seguiu todos os requisitos éticos. Dessa maneira, o projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa sob parecer de n. 2.585.705/2018, assegurando, mediante assinatura das partes do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que a participação era voluntária e que as gravações seriam transcritas, validadas, textualizadas e utilizadas para fins acadêmicos.

#### **4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS: TECENDO A NARRATIVA DAS HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE NEIDE VERAS**

Neide Veras, professora associada e aposentada da UFC, tem, sucintamente, mediante este artigo, a narrativa de sua trajetória de vida registrada, mais especificamente, da sua formação escolar e acadêmica e de sua atuação profissional no curso de Pedagogia. Bruner e Weisser (1995, p. 149) ressaltam que

O ato da elaboração da autobiografia, longe de ser a vida como está organizada nas trevas da memória, constrói o relato de uma vida. A autobiografia, em poucas palavras, transforma a vida em texto, por mais implícito ou explícito que seja. É só pela textualização que podemos conhecer a vida de alguém. O processo de textualização é complexo, uma interminável interpretação e reinterpretação.

Consoante Bruner e Weisser (1995), é a partir da textualização das narrativas de Neide Veras que se retrata suas histórias e memórias, organizadas em duas seções: a primeira para conhecer sua formação educativa e como ela influencia suas práticas educativas e a segunda para discutir sua atuação profissional no magistério superior contribuindo para a formação de jovens professores. Ambas considerando que a interpretação é permeada de subjetividades que não podem ser consideradas em todas as suas dimensões e por sua complexidade, pois sempre haverá outras maneiras de narrar e reinterpretar a depender dos filtros mobilizados tanto pelos biógrafos como pelos leitores (SOARES; VIANA, 2016).

#### 4.1 Tempo das Experiências na Formação Escolar e Acadêmica

A biografada iniciou sua escolarização aos três anos de idade, em 1949, com incentivo da sua mãe que a matriculou em uma escola regular de bairro, o Colégio Santa Isabel. Todavia, logo em seguida, trocou de escola em decorrência da mudança de endereço e, por isso, concluiu as primeiras séries do jardim da infância na Cidade da Criança, como relata:

*O Colégio Santa Isabel era muito longe do centro da cidade e meu pai era comerciante no Centro da cidade, nós viemos morar em Jacarecanga, perto da Igreja do Patrocínio onde é hoje ali a Praça José de Alencar. Eu fui estudar na escola Alba Frota, que antigamente era chamada Cidade da Criança e foi lá que eu terminei a minha pré-escola infantil III e alfabetização. (VERAS, Fortaleza, 2022).*

Por motivo de seu pai ser comerciante no Centro da cidade de Fortaleza, e a família ter-se mudado para o bairro Jacarecanga, Neide Veras continuou seus estudos na escola Alba Frota, inicialmente conhecida como Cidade da Criança, onde concluiu a sua alfabetização com o método de escolarização sintético analítico.

*Primeiramente aprendi a trabalhar com baldinhos, coisas de costura, cartões, tudo isso a gente fazia na pré-escola. Quando eu vim para a escola Alba Frota foi por causa do meu pai, viemos morar no bairro Jacarecanga, mais perto do Centro por causa da empresa. Porque ele abriu uma firma de material elétrico. Lembro que meu pai tinha um carrinho, ele me deixava lá pela manhã e de tarde, quando ele saía na hora do almoço, me apanhava. Quando eu terminei, fui doutora do beabá. (VERAS, entrevista, 2022).*

Doutora do Beabá ou doutora do ABC, era conhecida a criança que aprendia a ler e escrever, ou seja, que havia concluído a série de alfabetização. Findada essa primeira etapa da educação, Neide Veras foi transferida para o colégio das irmãs da Congregação Cordimarianas denominado “Nossa Senhora das Graças”, com sede à rua do Imperador em Fortaleza-CE. Lá ingressou no curso primário e estudou até a 3ª série, pois na 4ª série era o tempo de realizar o exame de admissão para o Ginásio. Neide Veras explica:

*[...] Quando comecei a fazer a 4ª série, a minha mãe me botou numa professora aqui famosa que era chamada Maria Dutra, era até dos Dutras, o Marechal Dutra era primo dela, da família dela, porque ela preparava muito bem todo mundo. Realizei o exame de admissão aqui no Justiniano de Serpa porque minhas primas estudavam tudo lá e eu queria estudar lá também. Eu*



*me lembro como hoje, logo quando eu comecei a estudar lá, eu disse... tinha um auditório enorme que até derrubaram para fazer uma piscina e nós fomos para lá, no auditório para uma palestra de uma professora de Artes e ela foi dar uma aula de como fazer um cartaz. Eu devia ter uns 11 anos e ela falava tão bem, tinha uma postura elegante, alta assim... fina... e explicava qual era a função do cartaz, tinha que ter poucas coisas, tinha que ter no máximo quatro cores... dando a aula... e eu ficava olhando pra ela e dizia assim “eu ainda vou ser como essa mulher... um dia eu ainda vou num auditório dar uma palestra” um aglomerado de gente, o auditório estava lotado, tudo quanto era aluno estava lá e tinha muitas turmas. Era 1ª série A, B, C, D... 2ª A... era 1 turma de cada uma. (VERAS, entrevista, 2022).*

Naquela época, em 1961, em consonância com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), n. 4.024, de 20 de dezembro, o art. 36 normatiza que o ingresso na primeira série do 1º ciclo dos cursos de ensino ginásial dependia de aprovação em exame de admissão, em que fique demonstrada satisfatória educação primária, desde que o educando tenha onze anos completos ou venha a alcançar essa idade no correr do ano letivo. Neide Veras realizou o exame de admissão quando estava no 4º ano do primário, em que recorda: *[...] tinha muita gente fazendo esta prova... eu tirei o 2º lugar de todos os alunos de lá. Isso foi uma coisa assim formidável, não foi?* (VERAS, entrevista, 2022).

Após o exame de admissão, Neide Veras cursou o 1º, 2º, 3º e 4º anos do ginásial no colégio Justiniano de Serpa, prestigiada escola de Fortaleza. Em seguida, cursou o Normal inicialmente no Colégio Santa Cecília, que atualmente é o museu da UFC e localiza-se em frente à Reitoria e, posteriormente, no Colégio São João. Neide Veras narra:

*[...] longe, longe... papai deixava de manhã e as irmãs não deixavam a gente sair, tinha que ficar lá sentada. Ou então elas desciam do colégio Santa Cecília até a Rua Santos Dumont para pegar um ônibus. Ali na Washington Soares era deserto naquela época. O fim da linha do ônibus da Aldeota era na Casa de Saúde São Raimundo, onde eu nasci. Como era muito longe e eu comecei a dar aula de reforço escolar, porque eu era muito aplicada no 1º e 2º ano no colégio Santa Cecília, tive que sair de lá e vim para o Colégio São João, que fica na Santos Dumont, [...]. Mesmo estudando em outro colégio, as irmãs do Colégio Santa Cecília chamavam para eu ministrar aulas particulares para as meninas, que eu preparava, faziam todo exame de admissão e passavam. Eu tinha tanto sucesso, que tinham muitos alunos que foram preparados por mim para fazer o exame de admissão. Elas (as irmãs) queriam que eu fosse professora do Santa Cecília. Terminei o curso normal em 1965. Eu trabalhava com aulas particulares de manhã, fazia o Normal à tarde e me preparava para o vestibular de noite (VERAS, Fortaleza, 2022).*

Quando terminou o curso Normal, a biografada prestou vestibular para a Faculdade de Filosofia da UFC. Naquele ano de 1967, a instituição ofertava os cursos de Pedagogia, História, Geografia e Letras (cursos na área das Humanas). Neide Veras comenta:

*Tirei o 2º lugar geral! Creio que as maiores aprendizagens que eu tive na minha vida foram porque eu fazia faculdade de manhã e de tarde eu dava aula particular para alunos que iam fazer exame de admissão. Isso foi me dando capacidade de verbalizar, de raciocinar, e eu buscava novas metodologias, fazia os cursos, assistia palestras, tudo para me atualizar. Lembro-me, que, quando eu já estava perto de colar grau, o meu pai perguntou assim: “minha filha, o que é Pedagogia?” Eu disse: “pai, Pedagogia é para pessoa ensinar, é a arte de educar” (VERAS, Fortaleza, 2022).*

Sabe-se que a identidade profissional vai-se constituindo diariamente com as vivências da teoria e da prática de forma interrelacionada, permitindo um aprofundamento dos conhecimentos e sua contextualização no espaço temporal, que exige, dentre outros atributos, a criticidade. De acordo com Freire (2008, p. 64), “[...] o homem vai dinamizando o seu mundo a partir destas relações com ele e nele; vai criando, recriando; decidindo. Acrescenta algo ao mundo do qual ele mesmo é criador. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura [...]”. Não diferente, na perspectiva de Pimenta (1999, p. 19), que a identidade:

é construída a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas também da reafirmação das práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque prenes de saberes válidos às necessidades da realidade. Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias.

Observa-se que a identidade profissional de Neide Veras começou a construir-se com o exemplo de palestras de outras educadoras, com as aulas particulares que ministrava, com o reconhecimento das suas professoras religiosas, com a credibilidade dos seus pares com o sucesso na sua formação para o exame de admissão com altos índices de aprovação, dentre outras experiências que se realizavam no decorrer de sua formação.

Durante o curso de Pedagogia, como estudante, Neide Veras participou de reuniões e movimentos do Centro Acadêmico da Pedagogia (CAP) da UFC, visto que era membro do Diretório Central Estudantil (DCE), instituição afiliada à União Nacional Estudantil (UNE). Durante sua atuação no CAP, soube que estavam procurando professores para a Escola de

Filosofia Dom Aureliano Matos em Limoeiro do Norte, município do interior do Ceará e ela enviou o seu currículo, sendo contratada e passando a ministrar aulas de Psicologia e Legislação do ensino.

Em 1970, ao final do ano, preparou seu currículo novamente para a seleção do mestrado em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ), porém a instituição exigia que antes do ingresso se fizesse um curso de nivelamento de um mês e, caso fosse aprovada no referido curso, poderia fazer o curso de Mestrado. Sendo assim, Neide Veras cursou o nivelamento e passou na formação e, em seguida, fez o mestrado em Educação na área de Aconselhamento Psicopedagógico porque no Ceará ainda não havia a disciplina de Psicologia na graduação de Pedagogia. Durante o curso de Pedagogia na UFC concluiu duas especializações: Docência no Ensino Superior e Administração escolar.

No ano de 1971, no Rio de Janeiro, Neide Veras vivenciou experiências que marcaram sua profissão no período da ditadura militar, como explica:

*[...] eu me lembro que quando eu fui para o Rio de Janeiro, a mamãe foi comigo, a gente vinha do Gale, quando a gente foi passando na praia do Flamengo tinha um prédio alto e tinha um bocado de rapazes em cima do prédio de mãos dadas, de mais ou menos 4 andares, e um bocado de operários com umas marretas derrubando. Bem engarrafado, e o moço [motorista] andando bem devagar porque tinha muita multidão. Eu disse: "moço, o que é isso aí?" Ele disse: "minha filha é o AI-5, tão mandando derrubar a UNE. É o prédio da UNE". Eu vi! E eu tão ingênua falei: "moço por que eles tão fazendo isso?" (VERAS, Fortaleza, 2022).*

O AI-5 ou Ato Institucional nº 5 - decretado no governo do general Arthur da Costa e Silva entrou em vigor no dia 13 de dezembro de 1968 e representou um período que ficou conhecido como o mais rígido momento histórico de repressão e censura da ditadura militar no Brasil. A título de exemplificação, no art. 5º e seus incisos determinavam que:

Art. 5º A suspensão dos direitos políticos, com base neste Ato, importa, simultaneamente, em:

- I - cessação de privilégio de foro por prerrogativa de função;
- II - suspensão do direito de votar e de ser votado nas eleições sindicais;
- III - proibição de atividades ou manifestação sobre assunto de natureza política;
- IV - aplicação, quando necessária, das seguintes medidas de segurança:
  - a) Liberdade vigiada;
  - b) Proibição de frequentar determinados lugares;
  - c) Domicílio determinado;

§ 1º O ato que decretar a suspensão dos direitos políticos poderá fixar restrições ou proibições relativamente ao exercício de quaisquer outros direitos públicos ou privados.

§ 2º As medidas de segurança de que trata o item IV deste artigo serão aplicadas pelo Ministro de Estado da Justiça, defesa a apreciação de seu ato pelo Poder Judiciário.

Ainda em tempos de ditadura, nos anos entre 1971 e 1973, Neide Veras começou na PUC-RJ as disciplinas do mestrado, considerada um polo de efervescência do movimento contra a ditadura e, lá, presenciou significativas vivências:

*Gilberto Gil e Caetano Veloso cursaram Administração de empresas, Chico Buarque Arquitetura, e assim por diante. O nome da Gal Costa não era Gal Costa, era Maria das Graças Costa Penna Burgos, então quando saiu o AI-5, quem decretou o AI-5 foi o General Artur Costa e Silva. Eles eram perseguidos, às vezes a gente estava assistindo as peças sentadas no chão ou lá no auditório e chegava à polícia com o escudo para se proteger... a gente jogava pedra, fogos... aí... sai o AI-5... então, surgiu o nome Gal Costa para disfarçar, fizeram um trocadilho com o nome do General que decretou o AI-5. Funcionou para ela não ser pega. Ela não foi para o exílio, mas o Chico foi, Caetano foi, Gilberto Gil [...]. (VERAS, Fortaleza, 2022).*

Em Fortaleza, Neide Veras ficava alheia à seriedade dos acontecimentos políticos com seus horários repletos de atividades de formação ou de aulas particulares, todavia, foi no Rio de Janeiro que conheceu de perto a repressão e o autoritarismo. Tomou essas experiências autocráticas como algo a ser evitado em sua prática como profissional, reconhecendo a importância da democracia e do respeito à diversidade.

Nos anos entre 1973 e 1977, Neide Veras dedicou-se à dissertação de mestrado sob a orientação da Dra. Ângela Biaggio, psicóloga renomada da Universidade de Brasília (UnB). A temática defendida foi o “Programa de Avaliação de Crianças Superdotadas com baixo rendimento escolar”.

*[...] Peguei as teorias do MacLean que ele dizia que as crianças que têm alto rendimento escolar, crianças superdotadas. Hoje em dia não se chama mais superdotadas, são crianças com Altas Habilidades, mas na época eram crianças superdotadas com baixa motivação. Meu local de pesquisa foi no Colégio Santo Inácio do Rio de Janeiro. Eu, juntamente com a Profa. Dra. Angela Biaggio, fomos para aplicar teste de inteligência nos meninos e meninas; selecionamos turmas de 60 alunos, mas ficaram só poucos. Então aplicamos nas crianças o teste, observamos as notas deles, dos testes mensais. No início do semestre eu convidava para dar palestras no colégio pessoas que*

*tiveram sucesso na vida como modelo. Elas ministraram as palestras e conversaram com os alunos. Uma das pessoas foi minha colega na PUC-RJ, Nara Leão, porque ela fazia Psicologia e no movimento estudantil eu fiquei amiga dela. Ou seja, pré-teste, comparava as notas dos meninos do primeiro mês e do segundo, fiz as sessões de palestras, entrevistei as mães. Peguei as notas dos dois bimestres concomitantes às notas, peguei as do terceiro e quarto para comparar e daí aplicava o teste, com a minha orientadora (VERAS, Fortaleza, 2022).*

Com a colaboração da orientadora e de colegas militantes, finalizou sua pesquisa e defendeu a dissertação e, em seguida, Neide Veras voltou para Fortaleza decidida a dedicar a sua vida profissional à educação superior.

#### **4.2 Tempo das experiências profissionais no ensino superior**

No decurso da ditadura militar (1964-1985), não se permitia concurso público, então Neide Veras foi contratada pela UFC, como contrato temporário, para trabalhar na Faculdade de Educação, mais especificamente no Departamento de Fundamentos da Educação, onde havia muitos cursos como o Programa de Melhoria da Qualidade do Ensino (PREMEN), com o objetivo de formar professores. Então, Neide foi convidada para fazer parte desse Programa para o qual havia três polos, pois realizava-se o treinamento para as professoras em Maranguape, em Quixadá e em Crateús. Neide enfatiza que: *“dávamos aulas sobre as matérias que elas iam estudar e passava atividades para elas fazerem lá. Então, a gente viajava nos finais de semana para Maranguape, outro para Quixadá e Crateús. Nisso, eu viajava muito por lá, pois eles tinham muitas dúvidas”* (VERAS, Fortaleza, 2022).

O curso de Psicologia da UFC não existia quando Neide Veras trabalhava no Departamento de Fundamentos da Educação, por isso sua atuação dava-se nos programas de formação de professores. Porém, a professora recém graduada em Pedagogia, Gláucia Ferreira, começou a desenvolver esse curso, motivada pela observação do excelente trabalho da biografada no PREMEN. Conversando, ela disse para Neide Veras, *“você não quer dar aula na Psicologia. Sua tese é uma pesquisa de alto nível, pesquisa experimental, dados estatísticos brilhantes. Eu vou falar com o reitor”*. Neide Veras preparou o currículo, entregou e foi contratada no dia 1º de março 1976 como professora colaboradora do curso de Psicologia. Inclusive, elas ganharam destaque e reconhecimento quando Gláucia Ferreira foi paraninfa da primeira turma e Neide Veras foi a homenageada da segunda turma de Psicologia.

*[...] Tirei o primeiro lugar e fui contratada. [...] Eu ia dar palestras na Faculdade de Direito, o auditório daquela Faculdade de Direito enorme, lotado e eu com o microfone dando aula, aplaudida. Eu brincava, eu dizia as coisas, eu sou muito assim gaiata, com as minhas filhas, as minhas alunas dizem “professora Neide, onde tu aprendes essas piadas?” Umas são o papai que me conta, outras são eu que invento. (VERAS, Fortaleza, 2022).*

Neide Veras foi conquistando seu espaço na educação superior tanto pela boa qualidade do seu trabalho como pela maneira com que se aproximava dos alunos. Dava aulas descontraídas e mostrava-se disponível para conversar com os jovens, o que lhe rendia admiração dos educandos. Depois de dois anos trabalhando como docente, Neide Veras comentou que abriu o concurso para as disciplinas que já ministrava em 1978, no qual foi aprovada e efetivada.

Ela informa que durante sua juventude coralista aproximou-se da Igreja do Cristo Rei, participava dos movimentos da igreja, da pastoral da juventude quando a convidaram para ensinar na Faculdade de Filosofia de Fortaleza, que era da Arquidiocese. Lá, ela aprendeu a conviver com os jovens leigos e, mais tarde, veio até o convite para ministrar aula para os seminaristas e para as religiosas.

*Pela manhã eu trabalhava para Federal [universidade], ministrei minhas aulas na Psicologia e viajava aos finais de semana para Maranguape, Quixadá e ou Crato. Meu marido me chamava de rainha do sertão. Fui professora de forma espontânea dos seminaristas e noviças na formação em teologia e filosofia com consentimento do Padre Mariano que era diretor da FaFiFor [Faculdade de Filosofia de Fortaleza] e do ITEP [Instituto Teológico Pastoral do Ceará], e do reitor da UFC na época. Até hoje eu vou para missa, quando um padre está olhando para mim eu digo que foi meu aluno. Porque eu mudei a cara, fui ficando velha e eles, quando eles tão olhando para minha direção, às vezes tem uns que vem falar comigo depois da missa (risos) na hora que eu vou comungar. É interessantíssimo. Um dia quase que eu morro de vergonha eu fui a uma missa na Praça das Flores, [...]uma missa de sétimo dia de uma pessoa da Universidade, e ouvi: “antes de eu dar a benção final quero dizer que aqui nesta sala, aqui nessa igreja, nesse salão tem uma pessoa que eu sou muito grato. Eu sou hoje padre por causa dela, professora Neide Fernandes Monteiro”. E o povo olhando para saber quem era e eu peguei e fiz assim me levantei e cumprimentei com a mão as pessoas. Essas coisas aconteciam. (VERAS, Fortaleza, 2022).*

Todas as suas experiências, em espaços plurais, foram constituindo uma identidade docente que respeitava e valorizava as escolhas individuais dos jovens, que lhe colocava, muitas vezes, como conselheira e mediadora de conflitos. Essas vivências tornaram-na mais solícita e acessível aos alunos, bem como mais democrática e compreensiva com as necessidades particulares de cada um deles, pois desde cedo foi convivendo com as diferenças e aprendendo a respeitá-las.

Entre 2000 e 2005, cursou o doutorado em Educação na UFC e defendeu a tese intitulada “Avaliação do Ensino Fundamental na modalidade dos Ciclos de Formação: caracterização e contextualização” sob a orientação do Prof. Dr. Raimundo Benedito do Nascimento. Todavia, permanecia como docente do curso de Psicologia, no qual Neide Veras ministrava as disciplinas Psicologia escolar, Problemas de aprendizagem I; Problemas de aprendizagem II, Estágio Supervisionado e Didática para quem gostaria de fazer licenciatura. Mas ela comenta um fato que lhe fez sair da Psicologia e voltar-se para Pedagogia:

*O pessoal da Psicologia [professores], eles têm uma verdadeira implicância com o pedagogo. “Você não era para trabalhar aqui”. E quando eu dava a opinião: “não, mas você não é psicóloga”. Eu disse: “eu não estou discutindo cargo, eu estou discutindo a questão do estágio dos discentes”. Os alunos gostavam, mas os colegas implicam com os pedagogos. Foi quando eu e Gláucia Ferreira pedimos remoção para o curso de Pedagogia, (que havia sido criado). (VERAS, Fortaleza, 2022).*

Em pouco tempo no Curso de Pedagogia, o reitor José Anchieta Esmeraldo Barreto nomeou Neide Veras para a comissão de resolução para mudar os critérios de aprovação de cursos de graduação da UFC e, logo em seguida, ele comentou para o professor José Teodoro Soares que a professora Neide Veras poderia ajudar o então governador Cid Gomes a construir o Projeto Político Pedagógico (PPP) da Universidade Regional do Cariri (URCA) na cidade do Crato-CE. Neide Veras destaca:

*Tinha uma Faculdade de Filosofia do Crato pertencente ao Seminário. Quando o governador Cid foi eleito, os padres negociaram com o governador para vender porque estava dando déficit. O governador comprou a faculdade e tinha que fazer o projeto pedagógico, tinha que fazer uns programas, tinha que botar dentro da resolução e como eu tinha doutorado e eu fui convidada. (VERAS, Fortaleza, 2022).*

Ciro Ferreira Gomes ganhou a eleição como governador em Sobral e convidou Neide Veras para fazer o PPP de alguns cursos da Universidade do Vale do Acaraú (UVA). Ela também ajudou a Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC) em Quixadá-CE, juntamente com o professor Dr. Luis Osvaldo. No entanto, a professora Neide Veras não contribuiu somente no estado do Ceará, foi convidada para proferir treinamento na Universidade Federal do Maranhão, para a formação dos professores que iriam montar cursos de Pedagogia no estado do Maranhão.

Seu reconhecimento aumentava e Neide Veras foi convidada para trabalhar na Pró-Reitoria de Planejamento da Faculdade de Educação. Também foi nomeada por Antônio de Albuquerque Sousa Filho para ser Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e, como desempenha muitas atividades com competência, foi nomeada para Pró-Reitoria de Planejamento para atuar no Programa de Avaliação das Instituições de Ensino Superior (PRONAES).

*A avaliação não deve ser feita pelo planejamento, eu visitava o Centro de Humanidades, fazia reunião com todos os professores e de lá saía uma comissão. Quem ia fazer a avaliação do Centro de Humanidades era o pessoal das humanidades. Eu dava somente o suporte [...]. (VERAS, Fortaleza, 2022).*

Por indicação do reitor Antônio Albuquerque e eleita, Neide Veras também atuou na comissão da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES). Sobre essas experiências, ela salienta:

*Fui da primeira turma da ANDIFES. Eu vivia em Brasília. Saí por este Brasil a fora: Acre, Roraima, Santa Catarina, Santa Maria no Rio Grande do Sul, Bahia, Maranhão, Piauí. Ia reconhecendo cursos nas comissões de reconhecimento de cursos. Meu marido que me chamava de rainha do sertão, mas quando entrei no ANDIFES ele dizia que não era mais do sertão não, era rainha do Brasil (risos). Trabalhei, aprendi muito, não precisa de pose, a pessoa tem que ser simples. Tudo na vida é passageiro, menos o motorista e o trocador (risos). Foi a melhor aprendizagem da minha vida, foi onde eu me realizei como pessoa, ter amor incondicional. (VERAS, Fortaleza, 2022).*

As vivências de aprendizagens coletivas tendem a proporcionar aprendizagens mútuas que marcam a vida dos partícipes nesse processo. O historiador francês Le Goff (2003, p. 477) enfatiza que a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Acrescenta que importa trabalhar de forma que a



memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens. Nessa direção, Neide Veras, ao rememorar sua formação e atuação profissional, salienta a importância da humildade e da aprendizagem coletiva ao mesmo tempo em que explica que a velhice faz perceber que todas as experiências são passageiras e que devem ser vividas para gerar um bem comum, sem buscar status, poder ou visibilidade. Inclusive, de maneira lúdica, como lhe é de costume até nas suas aulas e palestras, faz um trocadilho com o motorista e trocador do transporte coletivo, dizendo que todos passam e se vão, menos eles que continuam em suas funções laborais.

Neide Veras também ajudou Roberto Carvalho Rocha, dono do tradicional Colégio Christus a tornar-se faculdade. Isso porque sua falecida esposa Maria Lúcia foi colega de curso de especialização dela e conhecia seu trabalho qualificado. Então, ele disse para Neide Veras: “eu estou querendo fazer a Faculdade Christus, vamos começar com a Pedagogia e Administração escolar, você ajuda a gente?” (VERAS, Fortaleza, 2022). Inclusive foi paraninfa da primeira turma do curso de Pedagogia e hoje a faculdade tornou-se Universidade Unichristus.

Também colaborou com a faculdade Farias Brito a partir da amizade com a esposa do dono, iniciada no Curso Psicologia na Universidade de Fortaleza (Unifor):

*Conheci a do Tales que é dono do Farias Brito, um dos donos, outro terminou Engenharia com meu irmão e a mulher dele fazia Especialização em Psicodrama comigo na Unifor, conversando com a Almerinda “fulano vai dar aula pra gente... ele cobra 150 reais por uma hora de aula de Estatística” e eu falei: Que história é essa? Eu vou dar aula de Estatística para vocês de graça. Diga a ele que você tem uma colega na classe e a gente vai estudar juntas. Quando Tales disse: “eu quero criar a Faculdade Farias Brito e você vai me ajudar. Eu vou começar com Administração e Direito”. Daí o resultado, fui paraninfa da primeira turma de Administração da Faculdade Farias Brito. (VERAS, Fortaleza, 2022).*

Além de trabalhar em comissões de credenciamento de faculdades públicas em inúmeras cidades do Brasil e ajudar a fundar várias instituições privadas de Fortaleza, Neide Veras teve intensa produção acadêmica, participou de várias bancas de concurso, foi coordenadora do curso de Pedagogia por sete anos na UFC, além de exercer as funções de assessora da Reitoria e na chefia do Departamento de Fundamentos da Educação.

Sua aposentadoria foi aprovada em 9 de abril de 2021, quando encerrou suas atividades acadêmicas:

*Eu fiquei com pena porque, desculpa a minha prepotência, orgulho, mas eu poderia ter feito mais, são tantos docentes e discentes. Eu fiz progressão funcional para professor associado, eu podia fazer progressão para professor titular, são muitas experiências. Mas minha história de vida é rica [...]. E aí dei a minha dedicação, trabalho e aprendi a dividir o pouco conhecimento que tenho pela trajetória da vida. Quem não vive para servir não serve para Deus. (VERAS, Fortaleza, 2022).*

Neide Veras termina de narrar a sua trajetória de vida com um mistério de emoção e frustração, pois compreende a alegria de ter realizado muitas conquistas e ajudado muitas pessoas na sua formação e, ao mesmo tempo, com um pouco de tristeza, pois reconhece que ainda sente no vigor do saber acumulado que, apesar da idade, poderia continuar a ajudar outros alunos e professores nas suas formações e terminar sua carreira como professora titular. Com efeito, as escolhas são individuais e fruto de ponderações múltiplas, que a levaram a encerrar suas atividades profissionais para gozar da aposentadoria que lhe era de direito e vivenciar uma nova etapa de sua vida.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como professora da Faced/UFC, Neide Veras atuou durante 45 anos nessa instituição de Educação Superior, colaborando tanto no curso de Psicologia como no de Pedagogia, neste último de maneira mais enfática, especialmente na sua organização curricular. Ressalta-se que pelos locais por onde a professora Neide Veras atuou profissionalmente, seu êxito foi reconhecido por laborar com competência em suas atribuições. Dessa maneira, sempre ia sendo indicada para colaborar em novos projetos educacionais, não estacionando no tempo e no local, transpondo os muros da UFC. Aulas particulares, formação para o exame de admissão, trabalho em colégios e faculdades do interior e da capital, marcaram sua atuação profissional, inclusive, ganhando relativo prestígio na assessoria curricular para criação e aprovação de cursos superiores.

Dessa maneira, as experiências de Neide Veras nas universidades públicas e privadas, com formação de professores e na participação em Programas de avaliação de instituições de ensino, contribuíram tanto para a formação das novas gerações de professores a partir de sua docência, como também com efetiva atuação no credenciamento de novas instituições. Ressaltam-se como principais resultados para além da docência, as contribuições no ensino

superior com: a participação na implantação do PPP Curricular em várias instituições do Brasil; a elaboração dos programas das disciplinas, as aprovações nas reuniões do Colegiado e o envio para o MEC; a participação na ANDIFES e a atuação no Programa de Avaliação Institucional das Universidades Brasileiras (PAIUB).

Implica salientar neste momento que as pesquisas biográficas não têm o intuito de reconstituir todos os acontecimentos históricos que permeiam a vida dos seus biografados. Portanto, esses estudos possuem limitações no tocante às generalizações, mas proporcionam visibilidade às pessoas que possuem participação efetiva na sociedade, mas nunca estiveram nos holofotes da história, principalmente, em se tratando de mulheres professoras, desvalorizadas como Neide Veras e tantas outras educadoras.

## **REFERÊNCIAS**

ALBERTI, V. **Ouvir contar**: textos em História Oral. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2017.

ARAÚJO, H. L. M. R. **A tradicional Escola Normal cearense chega ao Bairro de Fátima**: formação das primeiras professoras primárias (1958-1960). Fortaleza: Edições: UFC, 2014.

BARROS, J. D. A. História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço. **MOUSEION**, v. 3, n.5, jan./jul., 2009. Disponível em: [https://revistas.unilasalle.edu.br/documentos/documentos/Mouseion/Vol5/historia\\_memoria.pdf](https://revistas.unilasalle.edu.br/documentos/documentos/Mouseion/Vol5/historia_memoria.pdf). Acesso em: abr. 2023.

BARROS, J. D. A. A Escola dos Annales: considerações sobre a História do Movimento. **Revista História em Reflexão**, Dourados, v. 4, n. 8, jul./dez., 2010.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. **Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961** - fixa Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 15 dez. 2022.

BRASIL. Legislação Informatizada - **Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968** - publicação original. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/atoins/1960-1969/atoinstitucional-5-13-dezembro-1968-363600-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 15 dez. 2022.

BRUNER, J.; WEISSER, S. A invenção do ser: a autobiografia e suas formas. In: OLSON, D. R.; TORRANCE, N. **Cultura e oralidade**. São Paulo: Ática, p. 141-161, 1995.

COSTA, F. J. M.; MOTA, B. G. N.; SANTANA, J. R. História das mulheres: formação docente, lutas e conquistas. **Educ. Form.**, [S. l.], v. 7, p. e8015, 2022. DOI: 10.25053/redufor.v7.e8015. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/8015>. Acesso em: 26 abr. 2023.

BURKE, P. **O que é história cultural?** Tradução de Sérgio Goes de Paula. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

DELGADO, L. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DOSSE, F. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016.

FIALHO, L. M. F.; COSTA, M. A. A. da; LEITE, H. de O. Maria Margarete Sampaio de Carvalho Braga: trajetória educativa e formação para a docência (1970-2015). **Momento - Diálogos em Educação**, [S. l.], v. 31, n. 01, p. 203–227, 2022. DOI: 10.14295/momento.v31i01.13775. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/13775>. Acesso em: 14 dez. 2022.

FIALHO, L. M. F. *et al.* O uso da história oral na narrativa da história da educação no Ceará. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 1–13, 2020. DOI: 10.47149/pemo.v2i1.3505. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3505>. Acesso em: dez. 2022.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução Bernardes Leitão [*et al.*]. 5 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2015.

NÓVOA, A. O método (auto)biográfico na encruzilhada dos caminhos (e descaminhos) da formação de adultos. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 1, n. 2, p. 7-20, 1988.

PAULINO, F. G. de O.; SOUSA, A. C. B. de. Biografia e memórias educacionais da professora Liziane Martins em Caucaia - Ceará (1981- 2021). **Ensino em Perspectivas**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 1–13, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6456>. Acesso em: 26 abr. 2023.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: Identidade e saberes da docência. *In.*: PIMENTA, S. G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999.

PORPINO, P. G. C. de A.; MACHADO, C. J. dos S. “A mulher vai mandar”: a presença feminina na imprensa paraibana entre 1960-1964. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, [S. l.], v. 4, p. e43918, 2022. DOI: 10.47149/pemo.v4.3918. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3918>. Acesso em: 26 abr. 2023.

SANTOS, M. O. Titularidade da memória: breves notações acerca das contribuições de Maurice Halbwachs e Paul Ricoeur. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**. Ano XVIII, v.18, n. 32, jul./dez., 2021.

SILVA, J. N; BARROS, F. J; HAIASHIDA, K. A. História de vida: uma estratégia metodológica para jovens em situação de vulnerabilidade. **Revista Educação & Ensino**. Uniateneu. v.5, n. 2, 2021. Disponível em: <http://periodicos.uniateneu.edu.br/index.php/revista-educacao-e-ensino/article/view/94/77>. Acesso em: 15 mar. 2023.

SOARES, C. P. G.; VIANA, T. V. Jovita Alves Feitosa: memórias que contam a história da educação nas prisões cearenses. **Educ. Form.**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 140–158, 2016. DOI: 10.25053/edufor.v1i1.1535. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/96>. Acesso em: 26 abr. 2023.

ZILBERMAN, R. Práticas Narrativas: Oralidade e memória. *In*: TETTAMANZY, A. L. L.; ZALLA, J.; D`AJELLO, L. F. (Orgs.). **Sobre as poéticas do dizer**: pesquisas e reflexões em oralidade. São Paulo: Letra e Voz, 2010, p. 28-41.

**Recebido em: 09/03/2023**

**Aprovado em: 15/05/2023**